

REZA DE MULHER E ANTROPOFAGIA COMUNITÁRIA: LUZ E ESCURIDÃO EM NUANCES CULTURAIS DO GÊNERO DA “MESTILEZA”

Camila Silva de Oliveira

Ana Cristina Nascimento Givigi

Este artigo é resultado de uma etapa da pesquisa que integra a proposta do projeto Ateliê de Mapas da Diversidade, vinculado ao Núcleo Capitu - Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Diversidade e ao Projeto Baía de Todos os Santos, em um local de „reza“ do distrito de Tabuleiro dos Coelhos, na cidade nordestina, Amargosa-BA. Cartografamos os processos múltiplos de resistência e negociação que se constroem frente à hegemonia cultural e heteronormativa nas práticas culturais e comunitárias, bem como as nuances da constituição plástica do gênero, interseccionada à religiosidade. A reza é uma prática coletiva local de desenvolvimento de laços, a partir das experiências político culturais da comunidade. Sua forma traz hibridismos de santos do catolicismo popular, do candomblé, dos cultos religiosos independentes e da umbanda, mesclados às práticas de encontro do interior da Bahia. A “rezadeira” é mulher, tem sua plástica produzida por nuances variadas de hibridação, que deslocam os parâmetros normalizados da composição do corpo genereificado, e pela liderança de um processo de antropofagia comunitária (ROLNIK, 2006). É constituído, processualmente, um repertório de corpo feminino que subverte a lógica de nossa sociedade falocêntrica e desafia a heteronormatividade (BUTLER, 2010). A partir da leitura de Deleuze (1995) e Escossia (2010), a cartografia, como modo de pesquisar, elege dispositivos e procura mapear na reza as suas relações intensas, seguindo-as por meio do registro oral e imagético, compondo um mapa de diversidades que visualize os territórios que se formam e desfazem. Dialogamos com o conceito tradicional e fixo de identidade para percebê-lo deslocando-se a partir dos movimentos diaspóricos do cotidiano e, assim, conformando-se como campo estratégico de identificações móveis (HALL, 2009). Dessa forma, entendemos que o corpo-rezadeira configura-se como uma disjunção de fluxos que aponta para um novo repertório de gênero, eivado de colonizações e descolonizações, marcando um processo de “mestiçagem” (ANZALDUA, 1987) que questiona a própria política de representação de gênero, tornando-a insuficiente para compreender o processo político de composição. Configura-se a cultura como campo de resistência, mas também de captura, além de dar pistas para um „jeito“ novo de se fazer política de cultura (BHABHA, 1998).

Palavras-chave: repertório de gênero, antropofagia comunitária, hibridismo, heteronormatividade.